

citações de latim e de grego, procurava aparentar uma ciência que não tinha. Não sabia ver as coisas com justeza. A mediocridade extrema de seu espírito deformava tudo o que via, na ânsia de ostentar uma erudição que lhe vinha de oitiva e um senso crítico que lhe faltava por completo” (Almir de Andrade).

Apesar desta apreciação severa que, em grande parte, coincide com a verdade, Thevet tem também algum mérito, e é sempre com prazer que vemos a reedição destes clássicos de nosso passado, ou “clássicos da colonização”, segundo a expressão adotada pela *Presses Universitaires de France* para designar uma nova coleção, ou melhor, uma nova série da coleção *Pays d'outre-mer*, já conhecida entre nós pela primeira série — *Études coloniales* —, na qual se encontram, entre outros, o trabalho de P. Gourou sobre os países tropicais e o de Bonnault sobre o Canadá francês.

Les classiques de la colonisation deverá compreender 15 volumes, alguns subdivididos, reeditando ou editando pela primeira vez fontes preciosas para a história da colonização francesa, todos precedidos de estudos críticos e devidamente anotados. Assim, teremos nessa coleção os relatos de viagem de Conneville, de Verrazano, de Cartier, de Roberval, de Champlain, os textos de Thevet e de Lery (sobre o Brasil), as correspondências de Colbert, Richelieu e Duplex, a obra clássica de Raynal, além de escritos de Gallieni, de J. Ferry, de Schoelcher, de Faidherbe, entre outras cousas.

O volume que a *Revista de História* recebeu, por gentileza especial dos editores, é a primeira parte do segundo volume — *Les Français en Amérique, pendant la deuxième moitié du XVI.e siècle. I. Le Brésil et les Brésiliens*, par André Thevet. (A segunda parte compreenderá a obra de Lery). Contém as partes relativas ao Brasil da *Cosmographie Universelle*, da *Histoire d'André Thevet et de deux voyages par lui faits aux Indes Australes et Occidentales* e de “*Le Grand Insulaire et Pilotage*, estas últimas inéditas, e cujos manuscritos se encontram na Biblioteca Nacional de Paris.

A *Cosmographie Universelle*, publicada em 1575, só agora foi reeditada, ao contrário de *Les singularitez de la France Antarctique* que, publicada em 1558, foi reeditada em 1878 por Paul Gaffarel, e já se encontra traduzida em português. Há quem empreste mais valia à *Cosmographie* do que às demais obras de Thevet, e entre estas se encontra Métraux: “Son oeuvre principale, la *Cosmographie*, est malheureusement trop peu connue, ce qui s'explique par sa rareté”.

Uma obra como a de Thevet, deficientíssima sob muitos aspectos, só vale a pena ser reeditada com anotações cuidadosas, de estudiosos especializados no assunto. E sob este ponto de vista, foi muito feliz a iniciativa desta reedição. As numerosas notas, que surgem em cada página do volume, valem por excelentes e eruditas lições de história, de lingüística, de etnografia, de sociologia, afiançadas por nomes de responsabilidade, entre os quais, com satisfação, encontramos alguns ligados ao grupo da *Revista de História*, da Sociedade de Estudos Históricos e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como Plínio Ayrosa, J. J. Philipson, Florestan Fernandes, Myrian Ellis, Marcondes de Souza e J. P. Leite Cordeiro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

GREENHALGH (Juvenal). — *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História, 1763-1822*. Comentário do Contra-Almirante Álvaro Alberto; desenhos de Armando Pacheco e Ary Monteiro Martins. Rio, 1951. 236 pp.

O primeiro volume de *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História*, que esta *Revista* teve o prazer de receber, abrange o período que vai da fundação, em 1763, até 1822. Seu autor, o Contra-Almirante Juvenal Greenhalgh diz, no prefácio, porque escreveu o livro: “decorre do pendor natural para os estudos de História ao serviço de um impulso sentimental”. E explica: “E’ que, tendo passado quase tôda a minha mocidade entre aquelas velhas e amadas paredes que, dentro em breve, pelo imperativo do progresso, vão sumir em pó

de demolição, conforta-me escrever-lhes a história que guardará sempre viva a saudade que já venho sentindo da convivência de excelentes companheiros que ali tive, dos amigos que fiz, das coisas que me foram tão familiares e dos fatos em que tomei parte”.

Não conhecemos, infelizmente, o plano da obra. Sabemos apenas que a este primeiro volume deverão seguir-se outros dois. Diante desta circunstância importante de tratar-se de trabalho incompleto, não nos será possível, sem o perigo da leviandade, uma apreciação definitiva. Reservá-la-emos para ocasião oportuna. Por ora, noticiemos apenas o aparecimento deste primeiro volume, magnificamente impresso, entremediado de valioso documentário e enriquecido com excelentes reproduções de mapas, croquis, estampas antigas, além de desenhos dos dois ilustradores citados.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

NUMMUS, Boletim de Sociedade Portuguesa de Numismática, n.º 1, I vol. Pôrto, 1952.

Na cidade do Pôrto começou a publicar-se Nummus, Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática que estudará também Medalhística e Arqueologia.

A direção executiva daquela sociedade é composta por Alexandre Ferreira Barros, Carlos Peixoto Braga, Fernando Russell Cortez, Antônio da Silva Guimarães, Van der Niepoort e Mário Ramires.

No seu primeiro número a publicação inclui os seguintes artigos:

I). — Apresentação por F. Russel Cortez.

O autor explica os motivos do Boletim que se podem sintetizar nas expressões: “Não esqueceremos igualmente que os valores monetários surgem conjuntamente com outros fenômenos culturais e históricos... pertencentes a determinado povo, em certo momento ou em determinado lugar...” e mais adiante: “Procuraremos cumprir a nossa tarefa..., esforçando-nos até ao possível pelo progresso da ciência Numária nas suas relações com a Arte, a História e a Economia, agora que deixou o campo restrito que os seus antecedentes estudos apresentavam, terminou a interpretação unilateral e sem olvidar o seu tradicional campo de ação — descrever e inventariar tipos, variantes e valores — abandonou o espírito colecionista para mais se integrar no âmbito da História do Homem”.

II). — O Tesouro monetário de lugar do Poio (Paradela de Guiães) — contributo numismático para o estudo da romanização da Região do Douro — por F. Russel Cortez — pág. 6-37.

Depois de descrever a maneira como em 1930 foram achadas naquela localidade cerca de 700 moedas de prata, entre as quais denários consulares dos séculos III, II e I a. c. e que foram levados para o Rio de Janeiro por Laurindo Pinto dos Santos, o A. estuda a romanização do Douro, a qual se faz em redor de dois problemas econômico-sociais: o da pobreza do solo da Lusitânia e o do excesso demográfico que, por seu turno, levam às lutas entre as populações da montanha e as da planície.

Da pg. 19 em diante faz a descrição das moedas, começando por aquelas que não têm marca monetária, passando pelas que têm símbolo até chegar às consulares desde Aburia, Aelia, Aemilia, Annia, Antestia, Antonia, Appuleia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Calidia, Calpurnia, Cassia, Cipia, Claudia, Cloulia, Coilia, Cornelio, Crepusia, Cupiennia, Curtia, Fabia, Fannia, Flaminia, Fonteia, Furia, Herennia, Iulij Ivnia, Licinia, Lucilia, Lucretia, Lutatia, Maenia, Malia, Manlia, Marcia, Memmia, Minucia, Opimia, Papiria, Pinaria, Pompeia, Promponia, Porcia, Postumia, Renia, Rubria, Saufeia, Scribonia, Sentia, Sergia, Servilia, Spurilia, Thoria, Titia, Tituria, Tullia, Valeria, Vibia, até Volteia. Dá, a seguir, pág. 33-37, uma notícia sobre os vasos de prata também achados no local.